

SÍNTESE INTERPRETATIVA CRÍTICA SOBRE OS IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO TELETRABALHO

GUSTAVO HENRIQUE PETEAN¹;
GABRIELA ARAÚJO ROMÃO²
LEONARDO DE OLIVEIRA DRESCH³

¹Universidade Federal de Goiás – gustah@ufg.br

²Universidade Federal de Goiás – biromao@ufg.br

³Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Leonardo.dresch@ufms.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar criticamente como a Inteligência Artificial (IA) reconfigura o cotidiano e as relações sociais no teletrabalho, superando as narrativas binárias de substituição ou complementação de postos de trabalho. Realizou-se uma Síntese Interpretativa Crítica (CIS) de 25 estudos, selecionados por amostragem nas bases Scopus e Web of Science. O processo iterativo envolveu fichamento analítico e comparação para geração de constructos teóricos. A análise revelou cinco constructos centrais: (a) automação intensificadora, onde a IA acelera fluxos e amplia o monitoramento; (b) a distinção entre a substituição percebida e a efetiva, mediada por narrativas discursivas; (c) o tecnoestresse algorítmico, derivado da opacidade dos sistemas; (d) a reconfiguração cognitiva do trabalho para funções de supervisão e curadoria; e (e) o regime de augmentação (ampliação de capacidades) que paradoxalmente aumenta também a insegurança. Conclui-se que a IA no teletrabalho opera por meio de dinâmicas simultâneas e contraditórias de intensificação, controle e ressignificação simbólica do trabalho. A contribuição teórica reside na integração desses mecanismos, oferecendo uma lente crítica para compreender as transformações das relações sociais no trabalho remoto mediado por tecnologia.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) pelo suporte financeiro concedido por meio da chamada pública nº13/2024, processo nº 202410267001230.

Introdução

A consolidação do teletrabalho em larga escala após a pandemia e a adoção vertiginosa de sistemas de inteligência artificial, especialmente ferramentas generativas e analíticas, reconfiguraram práticas, rotinas e expectativas no mundo do trabalho (Baldwin; Okubo, 2024). A literatura recente registra efeitos sobre produtividade, engajamento, bem-estar e percepção de risco tecnológico, mas o faz de modo disperso e frequentemente polarizado entre leituras gerenciais adaptativas e abordagens críticas sociológicas (Barreto; Demo, 2025; Pereira; Pantoja, 2025; Silva et al., 2022).

O controle do teletrabalho é realizado de uma outra forma (Sombra; Oliveira, 2025) o que faz emergir discussões sobre o gerenciamento dos trabalhadores, bem como a supervisão dos ferramentais utilizados na execução do trabalho. Diante desta causa inicial, e considerando tratar-se de um campo emergente, observam-se duas limitações recorrentes: (a) a fragmentação temática, com foco em métricas isoladas como desempenho, estresse ou aceitação tecnológica; e (b) a ausência de teorização integrada sobre os mecanismos interligados que conectam tecnologia, subjetividade e poder no contexto do teletrabalho mediado por IA.

Revisões recentes sobre IA no contexto organizacional identificam múltiplos eixos, tais como: colaboração humano-IA, percepção de algoritmos, atitudes dos trabalhadores e controle algorítmico. Todavia, também reconhecem ausência de consenso quanto aos efeitos sobre o trabalho e o emprego (Blackman, 2025). Em paralelo, estudos empíricos apontam tensões entre efeitos de apoio cognitivo e aumento de pressão produtiva, entre complementaridade tecnológica e medo de substituição, sugerindo que os impactos não se distribuem de forma linear nem homogênea (Zhao; Xie, 2025a).

No contexto específico do teletrabalho, essas tensões tendem a se intensificar. A mediação tecnológica já constitutiva do trabalho remoto é aprofundada pela introdução de sistemas inteligentes capazes de registrar, classificar e avaliar atividades em tempo real. Evidências recorrentes nos estudos analisados indicam, por exemplo, ampliação de métricas digitais e cobrança baseada em dados (García, 2021), bem como monitoramento automatizado contínuo (Popovac et al., 2025). Ao mesmo tempo, outros trabalhos descrevem a IA como camada de apoio e triagem, e não como substituição total (Blackman, 2025).

Essas formulações aparentemente contraditórias, como exemplo a intensificação e apoio, controle e suporte, ameaça e complementaridade, indicam a necessidade de uma síntese interpretativa capaz de articular mecanismos, contextos e níveis analíticos distintos. Além disso, parte expressiva da literatura distingue, ainda que de forma dispersa, entre deslocamento ocupacional observado e percepção subjetiva de substituição. Estudos registram que o medo de perda de emprego frequentemente antecede mudanças reais de tarefa (Cord; Moresi, 2025).

A lacuna identificada reside na ausência de uma síntese crítica que vá além da mensuração de impactos e desvele as dinâmicas discursivas, estruturais e políticas que moldam a experiência do trabalho remoto com IA. Diante disso, este artigo apresenta os resultados de uma Síntese Interpretativa Crítica orientada pela seguinte pergunta: como a inteligência artificial reconfigura o cotidiano, as relações sociais no teletrabalho, para além das narrativas de substituição do emprego?

A contribuição central consiste na proposição de cinco constructos sintéticos e de um argumento integrador que oferecem uma nova lente teórica para o campo. O artigo está estruturado em quatro seções: o teletrabalho e a inteligência artificial; procedimentos metodológicos; resultados e discussões; e glosas finais.

2 O teletrabalho e a inteligência artificial

Os estudos sobre o teletrabalho (telework) não são recentes e apontam o avanço desta modalidade desde a década de 1970, atrelado ao avanço da tecnologia (Bailey; Kurland, 2002). O teletrabalho é entendido como aquele realizado em um ambiente distinto do espaço físico da empresa, ou seja, fora do escritório (Huws, 1991). O estudo de Gajedran e Harrison (2007) analisa os pontos positivos e negativos do impacto do teletrabalho. Outros estudos também apontam para a degradação das condições laborais nesse contexto (Huws, 2004, 2015, 2019; Huws et al., 2018) bem como para os níveis de exaustão dos teletrabalhadores (Golden, 2006).

A presente década tem sido marcada por um acelerado avanço tecnológico. Embora o conceito não seja pacificado na literatura (Paço Cunha, 2019), as transições entre as eras industriais (evoluindo da indústria 4.0 para a 5.0, com menções até a uma nascente indústria 6.0), constituem temas de pesquisa recentes e emergentes (Huang et al., 2022). Esse cenário abrange, de forma pervasiva, a integração da Inteligência Artificial no cotidiano das organizações.

A utilização da IA nas organizações é uma realidade inevitável, conforme indicam as pesquisas apresentadas na sequência. Esse fenômeno é estudado em diversas áreas da Administração, como Marketing, Recursos Humanos (recrutamento e seleção) e Produção, enquanto o debate sobre os limites éticos de sua aplicação permanece central e em disputa. Contudo, ao observar a relação do trabalho e o trabalhador sob o impacto das tecnologias autônomas, nota-se que a IA - no formato conhecido hoje - ainda não era plenamente compreendida quando as relações de trabalho foram analisadas por Frey e Osborne (2017) e por tantos outros pesquisadores nos últimos anos, como ver-se-á, na sequência.

Como contexto desta pesquisa apresenta-se alguns trabalhos sobre a utilização da IA nos diversos campos teóricos, em especial nas organizações. O texto de Tehrani et al. (2024) propõe a discussão sobre a capacidade das organizações na adoção da IA, pautando a sua análise em oito dimensões, sendo elas: (a) Prontidão da informação; (b) Prontidão ambiental; (c) Prontidão de infraestrutura; (d) Prontidão dos participantes; (e) Prontidão dos processos; (g) Prontidão dos clientes; (h) Prontidão dos dados e; (i) Prontidão tecnológica.

O trabalho de Bankins et al. (2024) faz uma revisão sistemática sobre a inteligência artificial nas organizações. Os artigos verificados suscitam cinco temas: (a) Colaboração IA-Humanos; (b) Percepção dos algoritmos e a capacidade humana; (c) Atitudes dos trabalhadores sobre a IA; (d) IA como um mecanismo de controle nos algoritmos de gestão de trabalhos baseados em plataformas; e, (e) Implicações da utilização de IA no mercado de trabalho. Em nível individual, o estudo colheu informações de artigos que apresentaram comportamentos inovadores nos trabalhadores quando integrados à IA. O texto de Qiu et al. (2022) aparece na revisão para demonstrar que o uso da IA pode reduzir a fadiga mental e psicológica.

Os textos compilados na revisão não permitiram um consenso sobre os aspectos de produtividade dos trabalhadores, tanto que os autores reforçam que “De um modo geral, estas evidências apontam para a necessidade de conceber e apresentar os resultados de forma específica para o contexto e centrada no trabalhador, a fim de maximizar a forma como a IA pode apoiar os trabalhadores em diferentes níveis de desempenho e experiência” (Qiu et al., 2022, p. 164)

Budhwar et al. (2023) argumentam que não se pode afirmar se a IA destrói ou cria postos de trabalho, classificando o tema como paradoxal: ao mesmo tempo que pode retirar empregos, gera um enorme volume de dados e decisões para os trabalhadores. Embora o estudo descreva a evolução do ChatGPT, o cerne da discussão recai sobre a possibilidade de substituição do emprego. Complementarmente, Von Krogh, Roberson e Gruber (2023) exploram diversas possibilidades de pesquisas na utilização da inteligência artificial, enfatizando o esforço de integração dessa tecnologia ao trabalho humano.

A pesquisa proposta se debruça sobre o indivíduo trabalhador, independente se este tem utilizado e inserido em seu cotidiano de trabalho a IA. Esta perspectiva coaduna com a análise da importância da participação dos funcionários no sucesso da implementação destas tecnologias (Makarius et al., 2020) e seus possíveis efeitos para o indivíduo. A pesquisa de Kumar, Krishnamoorthy e Bhattacharyya (2023) analisou os níveis de tecnoestresse com implementação da IA, apresentando diversos trabalhos agregadores sobre o teletrabalho e a IA. A próxima seção discute os procedimentos deste artigo.

3 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa adotou abordagem inspirada na Síntese Interpretativa Crítica (Critical Interpretive Synthesis – CIS), também referida na literatura como Revisão Interpretativa Crítica (Critical Interpretive Review – CIR) (Dixon-Woods et al., 2006; McDougall, 2015). Este procedimento foi selecionado por sua capacidade de sintetizar, de forma rigorosa e reflexiva, um corpo de literatura complexo e heterogêneo – abarcando estudos qualitativos, quantitativos e teóricos – com o propósito primário de geração e refinamento teórico, e não de mera agregação de evidências (Goñi, 2025; Višić et al., 2024).

A escolha pela CIS justifica-se pela necessidade de rejeitar a linearidade rígida e a separação estrita entre descrição e interpretação, características das revisões sistemáticas tradicionais. Em contrapartida, privilegiou-se um processo iterativo, recursivo e dinâmico (Perlman et al., 2026), ainda que, em etapas específicas, tenham sido mantidas características do modelo PRISMA. Essa integração ocorreu devido ao fato de a CIS não ser um procedimento consolidado no campo da Administração; dessa forma, sua inspiração analítica permitiu avanços sobre os dados agregados pelo levantamento inicial do PRISMA.

A propostas de procedimento da CIS está disponível em Dixon-Woods et al. (2006), Goñi (2025) e Višić et al. (2024), e é organizado em cinco fases interconectadas: (a) Fundamentação reflexiva e formulação da questão orientadora; (b) Amostragem teórica e busca iterativa; (c) Engajamento interpretativo e “fichamento” sistemático; (d) Análise por comparação constante e desenvolvimento de constructos sintéticos; e, (e) Síntese final e elaboração do argumento sintetizador. A seguir foram identificadas as etapas inspiradas e mantidas na proposta da CIS e as que foram alteradas.

3.1 Fase 1: Fundamentação reflexiva e formulação da questão orientadora

Antes do contato com a literatura, conduziu-se uma etapa de reflexividade posicional, esta etapa ocorre na elaboração de um projeto de pesquisa que este trabalho é fruto. Foi elaborado um memorial escrito que explicitou os pressupostos teóricos, experiências prévias e expectativas do pesquisador em relação ao fenômeno de estudo. Este documento inicial, parte integrante do audit trail (rastro de auditoria), serviu para reconhecer a “voz autoral” e estabelecer um ponto de partida transparente para a interpretação (Dixon-Woods et al., 2006).

Nesta etapa, a questão de pesquisa é concebida não como um ponto fixo, mas como uma “questão-bússola” (Goñi, 2025). Formulada de maneira ampla e exploratória, a questão desta pesquisa foi: Quais são os impactos do uso da Inteligência Artificial no cotidiano de trabalho e na percepção de substituição do emprego entre teletrabalhadores? Sua função foi orientar, sem constranger, o processo de investigação, permanecendo aberta a refinamentos ao longo da análise.

3.2 Fase 2: Amostragem teórica e busca iterativa

A CIS rejeita a lógica de uma busca exaustiva e hierárquica. Adotou-se uma estratégia de amostragem teórica propositiva (Perlman et al., 2026; Višić et al., 2024). O corpus teórico é construído ao longo da busca e aprofundamento das análises. O objetivo é construir um corpus focado na relevância conceitual e na riqueza teórica e não na representatividade estatística.

Todavia, nesta pesquisa, esta etapa foi integrada ao procedimento PRISMA. O corpus se deu a partir da busca em quatro bases de dados, sempre utilizando os textos em inglês, contudo, sem nenhuma restrição. Como exposto no grupo de busca das palavras-chave.

Utilizando um conjunto de três grupos de palavras chaves, realizou-se a busca por ("telework" OR "telecommuting" OR "remote work" OR "work from home") AND ("artificial intelligence" OR "machine learning" OR "AI" OR "ChatGPT" OR "automation") AND ("job displacement" OR "job insecurity" OR "perception" OR "technostress" OR "future of work"). A busca ocorreu no dia 30 de janeiro de 2026, nas bases de dados da Scielo, Scopus, Spell e Web Of Science (WOS). Os resultados foram provenientes apenas das bases de dados da Scopus e WOS.

Optou-se por excluir os artigos de conferências. A Scopus retornou 20 textos com acesso integral a 18 artigos destes. Na base WOS obteve-se um retorno de 22 textos, todavia, oito destes eram repetidos e um não disponibilizava acesso ao texto integral. A análise iniciou-se com 29 textos.

A análise seguiu as diretrizes da fase subsequente da CIS. Durante o processo de fichamento, foram excluídos quatro textos que, embora indexados pelos termos de busca, não possuíam o teletrabalho como foco. Tais produções versavam sobre o uso de robôs em tarefas domésticas ou industriais, tendo sido capturadas pelos descritores previamente estabelecidos. Diante do rigor da CIS, adaptada e implementada em conjunto com o PRISMA, esta etapa consistiu estritamente na exclusão de trabalhos com temáticas divergentes da questão de pesquisa, a qual mantém a centralidade no trabalho humano. O conjunto dos 25 textos analisados estão listados com seus referidos códigos na Tabela 1, apresentada abaixo.

Tabela 1 - Código, referência e base de dados

Código	Referência	Citação-chave registrada no fichamento analítico	Uso analítico
A001	(Blackman, 2025)	“IA integrada como camada de apoio e triagem, não substituição total”	automação intensificadora
B001	(Cord; Moresi, 2025)	“Medo de perda de emprego antecede mudança real de tarefa”	substituição percebida
C001	(Ezeilo; Green-Mckenzie, 2024)	“Ferramentas inteligentes aumentam velocidade de processamento remoto”	intensificação
D001	(Gusti et al., 2024)	“Automação é percebida como ameaça estrutural”	narrativa de substituição
E001	(Kraus et al., 2023)	“Ansiedade ligada à falta de compreensão do sistema”	Tecnoestresse algorítmico
F001	(Lipták et al., 2023)	“IA como copiloto cognitivo”	augmentação
G001	(Mahmoud, 2024)	“Dependência combinada com desconfiança”	opacidade
J001	(Otsuka; Iwasaki, 2025)	“Presença da IA sinaliza obsolescência futura”	mediação simbólica
K001	(Popovac et al., 2025)	“Monitoramento automatizado contínuo”	vigilância
L001	(Ravšelj et al., 2025)	“Rastreabilidade total do trabalho remoto”	vigilância
M001	(Rodríguez, 2024)	“Pressão por produtividade aumentada”	intensificação
N001	(Eddine et al., 2021)	“Trabalhador passa a validar resultados”	trabalho de segunda ordem
O001	(Salamone et al., 2021)	“Insegurança antecipatória recorrente”	percepção
P001	(Wang; Lu, 2025)	“Curadoria substitui execução direta”	reconfiguração cognitiva
Q101	(Okot et al., 2022)	“Decisões algorítmicas pouco transparentes”	opacidade
R101	(Othman; Ping, 2022)	“Aceleração dos ciclos de entrega”	intensificação

S101	(Marabelli et al., 2025)	“Discurso de disrupção amplia medo”	mediação discursiva
V101	(Itam; Warriar, 2024)	“Supervisão substitui produção”	segunda ordem
W101	(Johnson et al., 2020)	“Alta qualificação reduz percepção de risco”	gradiente
X001	(Kukreja et al., 2025)	“IA redefine conteúdo da tarefa”	reconfiguração
Y101	(Gheorghe et al., 2025)	“Narrativas tecnológicas moldam percepção”	simbólico
Z101	(Gagné et al., 2022)	“Substituição apresentada como inevitável”	discurso
AA101	(Bass et al., 2021)	“Validação humana torna-se etapa final”	segunda ordem
AB101	(Zhao; Xie, 2025b)	“Complementação homem-máquina”	augmentação
AC001	(García, 2021)	“Percepção varia por tipo ocupacional”	gradiente

Fonte: O termo augmentação, é oriundo do inglês augmentation. Expressa a complementariedade do uso da IA no processo de interação humana. O texto de Huang e Rust (2018) demonstra que o serviço de IA pode ser utilizada na forma de apoio, em contraposição ao argumento de substituição. O binômio augmentação versus substituição é explorado pela literatura (McLeay et al., 2021). Tabela elaborada a partir dos textos analisados.

As leituras iniciais e reflexões (registradas em fichamentos analíticos, como descrito na próxima fase) informavam as conexões entre os textos, destinadas a preencher lacunas conceituais ou a testar interpretações emergentes, obtendo assim a lista de textos acima referenciados. A opção dos pesquisadores foi por não avançar com a pesquisa em torno de outras palavras-chave, ou, textos para compor a base, como se propõe na CIS. Esta escolha, conforme explicitado anteriormente, justifica-se pelo fato de a CIS não ser um procedimento consolidado na área de Administração. Tal integração CIS-PRISMA permite uma síntese teórica com base nos textos pré-identificados pelo conjunto de palavras-chave.

3.3 Fase 3: engajamento interpretativo e “fichamento” sistemático

A análise dos textos foi conduzida por meio de um engajamento interpretativo profundo. Cada estudo foi lido criticamente, buscando-se desvelar seus pressupostos, argumentos centrais, metáforas e contradições internas. A ferramenta central desta fase foi o fichamento analítico (Goñi, 2025) que consiste em um dos diferenciais da CIS.

Dois tipos de fichamentos foram utilizados sistematicamente: (a) Fichamento por Artigo - Anotações detalhadas sobre ideias, citações significativas e reflexões suscitadas por cada texto; e, (b) Fichamento Diagonal ou Processual - Reflexões transversais que buscam capturar insights sobre conexões entre diferentes textos, dúvidas metodológicas, evolução do pensamento do pesquisador e diálogos com o arcabouço teórico de suporte. O segundo fichamento é construído ao longo do percurso analítico, preparando, desse modo, a fase subsequente, descrita a seguir.

3.4 Fase 4: Análise por comparação constante e desenvolvimento de constructos sintéticos

A análise foi realizada mediante técnica da comparação constante (Goñi, 2025). Os dados dos fichamentos e dos textos foram comparados: (a) entre si, para identificar similaridades e diferenças; (b) com categorias conceituais emergentes; e (c) com a questão-bússola em refinamento.

Desse processo dialético entre dados e interpretação, emergiram constructos sintéticos (Dixon-Woods et al., 2006). Estes não são meros “temas” comuns, mas conceitos de ordem

superior, abstratos e relacionais, que sintetizam e reinterpretam as ideias encontradas na literatura. Como se evidencia a Tabela 2 abaixo.

Tabela 2 - Eixos e Conexões transversais

Eixo	Conecta com	Evidência nos fichamentos
Intensificação	Tecnoestresse	aumento de métricas e monitoramento
Tecnoestresse	Substituição percebida	ansiedade associada à automação
Trabalho de segunda ordem	Argumentação	redefinição de papel humano
Discurso de inovação	Insegurança	paradoxos narrativos
Qualificação	Percepção de risco	polarização ocupacional

Fonte: Tabela elaborada pelos autores.

Para garantir o rigor, a análise foi estruturada em momentos formais de reflexão e recalibragem. Após a análise de subconjuntos pré-definidos do corpus, feito a leitura dos 15 primeiros textos, foi realizada uma revisão dos constructos e os critérios de análise, ajustando-os conforme necessário.

3.5 Fase 5: Síntese final e elaboração do argumento sintetizador

A fase final consistiu na integração dos constructos sintéticos em uma narrativa teórica coerente e crítica: o argumento sintetizador (Dixon-Woods et al., 2006). Este argumento representa a contribuição teórica da revisão, oferecendo uma nova lente para compreender o campo de estudos. Ele não apenas resume a literatura, mas a crítica, aponta as suas lacunas, resolve contradições aparentes e propõe um quadro interpretativo renovado.

Este desenho procedimental-metodológico, portanto, posiciona-se de forma consciente no espectro das revisões de literatura, ainda que inspirado no CIS, mesclado com recursos PRISMA. Permitiu a profundidade interpretativa e a indicação teórica sem abdicar de um rigor sistemático e transparente, adequado à complexidade do objeto de investigação.

4 Resultados e discussões

A análise interpretativa dos 25 estudos selecionados revelou que os impactos da Inteligência Artificial (IA) no contexto do teletrabalho não se distribuem de forma linear nem homogênea. A literatura examinada apresenta variação conceitual e empírica significativa, mas, por meio da comparação constante dos fichamentos analíticos, foi possível identificar padrões recorrentes, tensões interpretativas e constructos sintéticos de ordem superior. A Figura 1 apresenta os constructos de forma resumida. A opção pela apresentação em círculos remete às órbitas, dessa forma, os cinco constructos principais orbitam em torno do eixo inteligência artificial no teletrabalho, com subitens, em órbitas próprias, como pode ser visto na Figura 1 abaixo.

O primeiro padrão, automação intensificadora, refere-se à automação como mecanismo de intensificação do trabalho, e não predominantemente como substituição direta. Diversos estudos descrevem a IA como infraestrutura de apoio, triagem e aceleração de tarefas, ampliando a produtividade esperada e a intensificação do ritmo de entrega. Sistemas inteligentes são mobilizados para classificação, recomendação, geração de conteúdo e apoio decisório, deslocando o foco do trabalhador remoto para atividades de validação e ajuste. Essa

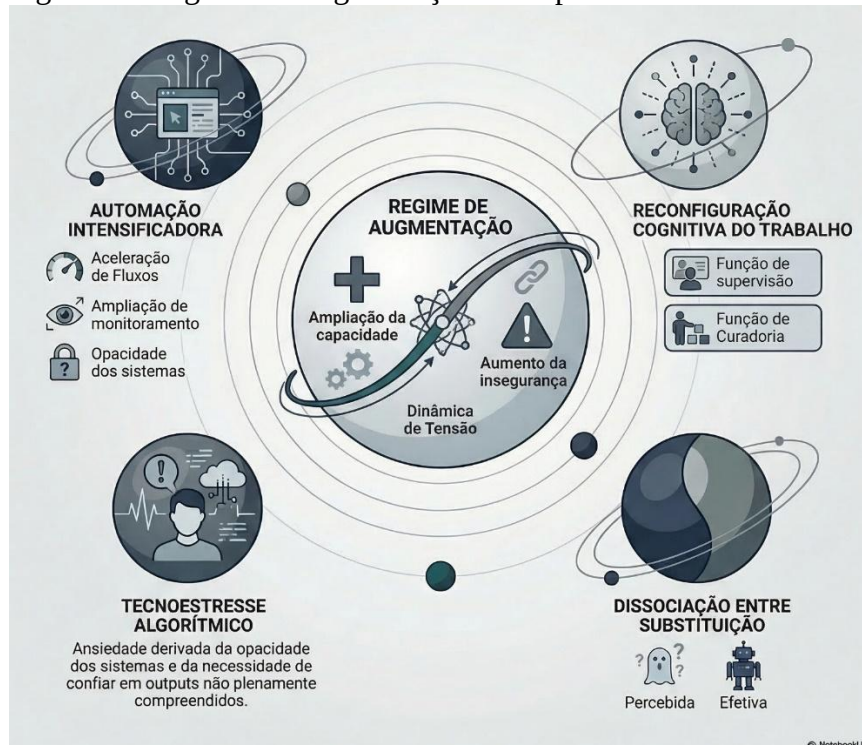
dinâmica aparece associada à ampliação de métricas de desempenho e ao monitoramento digital contínuo.

O texto de Wang e Lu (2025, p.10, tradução nossa) apresenta a IA como “uma relação complementar com o trabalho, com base nas percepções dos trabalhadores e no aumento do envolvimento em tarefas digitais, melhorando as funções profissionais e promovendo o crescimento empresarial sustentável”. Outro exemplo está na passagem de Ravšelj et al. (2025, p. 40, tradução nossa), que apresenta a seguinte reflexão:

Os alunos consideram o ChatGPT uma ferramenta valiosa principalmente para brainstorming, resumo de textos e redação acadêmica, apreciando sua capacidade de simplificar informações complexas. No entanto, eles expressam ceticismo sobre sua confiabilidade e eficácia em ambientes de sala de aula tradicionais, levantando preocupações sobre trapaça, plágio e questões de privacidade.

Como contribuição teórica, na formulação do constructo de automação intensificadora, a literatura analisada tende a enquadrar a IA em termos de substituição de tarefas ou aumento de eficiência. A síntese interpretativa evidencia, contudo, que no contexto do teletrabalho a automação opera predominantemente por meio da aceleração de fluxos informacionais, ampliação de métricas de desempenho e compressão de prazos. Esse constructo contribui para aproximar o debate contemporâneo sobre IA das tradições analíticas do processo de trabalho e da intensificação laboral, oferecendo uma ponte teórica entre estudos de tecnologia digital e teoria crítica da organização do trabalho.

Figura 1 – Regime de Augmentação: O Impacto da IA no Teletrabalho



Fonte: Produzido pelos autores via CHATGPT (2026).

O segundo padrão, dissociação entre substituição, identifica a distinção entre substituição efetiva e substituição percebida. A literatura mostra que a percepção de risco de perda de emprego supera, em muitos casos, a evidência de deslocamento ocupacional concreto. A insegurança é frequentemente antecipatória e mediada por discursos organizacionais e

mediáticos sobre disrupção tecnológica. A presença da IA no fluxo de trabalho altera as relações sociais e a percepção de potencial obsolescência, mesmo quando as tarefas permanecem dependentes de julgamento humano. Como expressa Rodríguez (2024, p. 10) ao denunciar o impacto profundo da dependência tecnológica e de conectividade, associado à diversos fatos como estresses, burnout, depressão e a sensação de abandono.

A síntese demonstra que a percepção de risco ocupacional associada à IA frequentemente antecede — e por vezes excede — as evidências de deslocamento concreto de postos de trabalho. Ao explicitar essa dissociação, o estudo introduz uma dimensão simbólico-discursiva no debate sobre automação, destacando o papel de narrativas de disrupção, inevitabilidade tecnológica e obsolescência profissional na construção da experiência subjetiva do trabalhador remoto. Tal distinção contribui para integrar perspectivas da sociologia do trabalho, da psicologia organizacional e dos estudos de discurso tecnológico.

Um terceiro eixo, tecnoestresse algorítmico, difere-se do tecnoestresse associado genericamente à sobrecarga tecnológica. Os estudos analisados descrevem uma tensão derivada da interação com sistemas inteligentes caracterizados por opacidade decisória, autonomia parcial e critérios não transparentes. Trabalhadores relatam ansiedade relacionada à necessidade de confiar em outputs cujo processo interno não é plenamente compreendido, combinando dependência operacional e perda de inteligibilidade.

O estresse não deriva apenas do volume de demandas, mas da tensão epistêmica associada à necessidade de confiar, validar e operar resultados produzidos por sistemas cujo funcionamento interno não é plenamente compreensível ao trabalhador. Esse refinamento conceitual amplia o alcance analítico dos estudos sobre saúde ocupacional digital, destacando o texto de Eddine et al. (2021) como central ao analisar a gestão do tecnoestresse, passando este a ser mediado/gerido/combatido, pelo próprio algoritmo. Este texto evidencia as contradições do capital e gestão, que o próprio algoritmo gerencia o problema que ele tem gerado.

O quarto núcleo refere-se à reconfiguração cognitiva do trabalho remoto. Observa-se deslocamento de tarefas de execução primária para funções de supervisão, curadoria e validação de resultados produzidos por sistemas de IA, neste eixo evidencia a substituição. Esse movimento redefine competências valorizadas, privilegiando capacidades de interpretação, julgamento contextual e integração de informação (Gusti et al., 2024). Contudo, os estudos divergem quanto ao caráter emancipatório (Gusti et al., 2024; Kraus et al., 2023) ou precarizante dessa mudança (Lipták et al., 2023).

Esse conceito permite interpretar a transformação qualitativa do conteúdo do trabalho para além de métricas quantitativas de automação, contribuindo para teorias sobre mudança de competências e recomposição ocupacional. Por fim, a síntese revela um gradiente de substituição percebida associado ao nível de qualificação e à natureza da tarefa. Funções com maior conteúdo cognitivo não padronizável tendem a registrar percepção de complementação tecnológica, enquanto tarefas “padrão” apresentam maior percepção de ameaça (Ezeilo; Green-Mckenzie, 2024; Wang; Lu, 2025).

A integração desses padrões permitiu a formulação de um constructo sintético central: regime de ‘augmentação’ ansiosa, caracterizando contextos nos quais a IA amplia capacidades operacionais ao mesmo tempo em que intensifica insegurança subjetiva e percepção de substituição. Este conceito de caráter integrador, sintetiza a coexistência de ampliação de capacidades operacionais e intensificação de insegurança subjetiva no teletrabalho mediado por IA. O constructo explica a aparente contradição recorrente na literatura entre estudos que identificam efeitos de complementação e aqueles que apontam riscos de substituição, mostrando que ambos os fenômenos podem operar simultaneamente em diferentes níveis (operacional, cognitivo e simbólico). O modelo propõe que a ansiedade não é um efeito

colateral marginal, mas um componente estrutural do atual arranjo sociotécnico, em uma reconfiguração das relações sociais neste contexto de teletrabalho com o avanço das IA's.

Em conjunto, essas contribuições deslocam o foco analítico da pergunta “a IA substituirá o trabalhador remoto?” para “como a IA reconfigura simultaneamente a intensidade, o conteúdo cognitivo, o controle e a percepção de valor do trabalho remoto?”, oferecendo um quadro teórico mais sensível à complexidade empírica observada.

5 Glosas finais

Os achados desta síntese interpretativa crítica indicam que o debate sobre IA e teletrabalho não pode ser adequadamente compreendido a partir de uma dicotomia simples entre substituição e complementação. A literatura analisada sugere que ambas as dinâmicas coexistem, mediadas por variáveis ocupacionais, organizacionais e simbólicas.

A noção de automação intensificadora contribui para deslocar o foco analítico da eliminação de postos para a transformação das condições de execução do trabalho. A IA emerge como tecnologia de aceleração e adensamento, redefinindo padrões de produtividade e ampliando a rastreabilidade (controle) do desempenho remoto. Esse resultado dialoga com abordagens críticas do processo de trabalho que enfatizam a intensificação como forma contemporânea de controle.

A distinção entre substituição percebida e substituição observada revela a importância da dimensão discursiva. Narrativas de inevitabilidade tecnológica operam como mediadores cognitivos que moldam percepções de risco. Isso sugere que políticas organizacionais de comunicação e desenho sociotécnico têm papel decisivo na formação da experiência subjetiva do trabalhador remoto.

O tecnoestresse algorítmico identificado amplia modelos clássicos de estresse tecnológico ao introduzir a variável da opacidade sistêmica. A interação com sistemas que produzem recomendações sem lastro suficiente gera tensão epistêmica, não apenas sobrecarga operacional. Esse achado aponta para a relevância de abordagens de IA explicável no contexto laboral.

A reconfiguração cognitiva observada sugere transição de um paradigma de execução para um paradigma de supervisão e curadoria. Contudo, a valorização dessa mudança depende da autonomia real do trabalhador na validação de outputs automatizados. Quando a supervisão humana é meramente formal, a promessa de augmentação converte-se em marginalização decisória.

A heterogeneidade dos resultados também evidencia lacunas: escassez de estudos longitudinais, pouca diferenciação ocupacional e confusão conceitual entre automação de tarefas e substituição de empregos. Tais lacunas indicam agenda relevante para pesquisas futuras.

Referências

BAILEY, D. E.; KURLAND, N. B. A review of telework research: Findings, new directions, and lessons for the study of modern work. *Journal of Organizational Behavior*, v. 23, n. 4, p. 383–400, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/job.144>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BALDWIN, R.; OKUBO, T. Are software automation and teleworker substitutes? Preliminary evidence from Japan. *World Economy*, v. 47, n. 4, p. 1531–1556, 2024.

(WOS:001067297500001). Disponível em: <https://doi.org/10.1111/twec.13496>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BANKINS, S.; OCAMPO, A. C.; MARRONE, M.; RESTUBOG, S. L. D.; WOO, S. E. A multilevel review of artificial intelligence in organizations: Implications for organizational behavior research and practice. *Journal of Organizational Behavior*, v. 45, n. 2, p. 159–182, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/job.2735>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BARRETO, B. S. B.; DEMO, G. Como liderança e qualidade de vida se relacionam no contexto do teletrabalho no serviço público? O papel mediador das práticas de gestão de pessoas. *Revista de Administração FACES Journal*, v. 24, n.1, 2025. Disponível em: <https://www.spell.org.br/documentos/ver/79045/como-lideranca-e-qualidade-de-vida-se-relacionam-no-contexto-do-teletrabalho-no-servico-publico--o-papel-mediador-das-praticas-de-gestao-de-pessoas>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BASS, R.; SMITH, A.; LANGSTON, M.; FRAZIER, M.; TRIDANDAPANI, S. Trainee and Faculty Perceptions of Remote PACS Workstations and Next Steps in a Large US Academic Medical Institution. *Current Problems in Diagnostic Radiology*, v. 51, n. 2, p. 146–151, 2021. (WOS:000754005100002). Disponível em: <https://doi.org/10.1067/j.cpradiol.2021.09.003>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BLACKMAN, T. Performing the future of work: Examining discourses of the future of work and the ideal worker through event ethnographies. *Geoforum*, v. 167, 2025. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2025.104461>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BUDHWAR, P.; CHOWDHURY, S.; WOOD, G.; AGUINIS, H.; BAMBER, G. J.; BELTRAN, J. R.; BOSELIE, P.; LEE COOKE, F.; DECKER, S.; DENISI, A.; DEY, P. K.; GUEST, D.; KNOBLICH, A. J.; MALIK, A.; PAAUWE, J.; PAPAGIANNIDIS, S.; PATEL, C.; PEREIRA, V.; REN, S.; ... VARMA, A. Human resource management in the age of generative artificial intelligence: Perspectives and research directions on ChatGPT. *Human Resource Management Journal*, v. 33, n. 3, p. 606–659, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1748-8583.12524>. Acesso em: 29 mar. 2026.

CORD, P. M.; MORESI, E. A. D. Remote Work and Productivity: An Exploratory Analysis of Respondents' Perception Using ChatGPT. *New Trends in Qualitative Research*, v. 21, n. 1, 2025. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.36367/ntqr.21.1.2025.e1210>. Acesso em: 29 mar. 2026.

DIXON-WOODS, M.; CAVERS, D.; AGARWAL, S.; ANNANDALE, E.; ARTHUR, A.; HARVEY, J.; HSU, R.; KATBAMNA, S.; OLSEN, R.; SMITH, L.; RILEY, R.; SUTTON, A. J. Conducting a critical interpretive synthesis of the literature on access to healthcare by vulnerable groups. *BMC Medical Research Methodology*, v. 6, n. 35, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1471-2288-6-35>. Acesso em: 29 mar. 2026.

EDDINE, M.; BELAISSAOUI, M.; EL HAMLAOUI, M. E.; SALAH-EDDINE, K. Computerizing Technostress Management: Toward an Artificial Intelligence Assisted Support and Diagnosis System. *Academy of Strategic Management Journal*, v. 20, n. 2, p. 1–13, 2021. Scopus.

EZEILO, C. O.; GREEN-MCKENZIE, J. The Covid-19 Pandemic and The Future of Work. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, v. 66, n. 6, p. e245–e251, 2024. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/JOM.0000000000003107>. Acesso em: 29 mar. 2026.

FREY, C.; OSBORNE, M. The future of employment: How susceptible are jobs to computerisation? *Technological Forecasting and Social Change*, v. 114, p. 254–280, 2017. (WOS:000390743900022). Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2016.08.019>. Acesso em: 29 mar. 2026.

GAGNÉ, M.; PARKER, S.; GRIFFIN, M.; DUNLOP, P.; KNIGHT, C.; KLONEK, F.; PARENT-ROCHELEAU, X. Understanding and shaping the future of work with self-determination theory. *Nature Reviews Psychology*, v. 1, n. 7, p. 378–392, 2022. (WOS:001126066300002). Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s44159-022-00056-w>. Acesso em: 29 mar. 2026.

GAJENDRAN, R. S.; HARRISON, D. A. The good, the bad, and the unknown about telecommuting: Meta-analysis of psychological mediators and individual consequences. *Journal of Applied Psychology*, v. 92, n. 6, p. 1524–1541, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0021-9010.92.6.1524>. Acesso em: 29 mar. 2026.

GARCÍA, Y. V. Safe and healthy work: Focus on the international and european social acquis and responses to the transformations of the 21st century. *Revista del Ministerio de Trabajo y Economía Social*, n. 151, p. 195–254, 2021. Scopus.

GHEORGHE, M.; CHIVU, O.; NI, D.; IACOB, A.; BORDA, C.; BOBOCEA, L. Burnout as an Occupational Safety Challenge in Industry 4.0 Context. *Acta Technica Napocensis Series-Applied Mathematics Mechanics and Engineering*, v. 68, n. 2–3, p. 1081–1090, 2025. (WOS:001653657300022).

GOLDEN, T. D. Avoiding depletion in virtual work: Telework and the intervening impact of work exhaustion on commitment and turnover intentions. *Journal of Vocational Behavior*, v. 69, n. 1, p. 176–187, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2006.02.003>. Acesso em: 29 mar. 2026.

GOÑI, J. “IÑAKI”. Can literature reviews be both interpretive and systematic? Revisiting critical interpretive reviews. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 0, n. 0, p. 1–21, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13645579.2025.2552752>. Acesso em: 29 mar. 2026.

GUSTI, M. A.; SATRIANTO, A.; CANDRIANTO, N.; JUNIARDI, E.; FITRA, H. Artificial Intelligence for Employee Engagement and Productivity. *Problems and Perspectives in Management*, v. 22, n. 3, p. 174–184, 2024. Scopus. Disponível em: [https://doi.org/10.21511/ppm.22\(3\).2024.14](https://doi.org/10.21511/ppm.22(3).2024.14). Acesso em: 29 mar. 2026.

HUANG, M.; RUST, R. Artificial Intelligence in Service. *Journal of Service Research*, v. 21, n. 2, p. 155–172, 2018. (WOS:000430149000001). Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1094670517752459>. Acesso em: 29 mar. 2026.

HUANG, S.; WANG, B.; LI, X.; ZHENG, P.; MOURTZIS, D.; WANG, L. Industry 5.0 and Society 5.0—Comparison, complementation and co-evolution. *Journal of Manufacturing Systems*, v. 64, p. 424–428, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jmsy.2022.07.010>. Acesso em: 29 mar. 2026.

HUWS, U. Telework - Projections. *Futures*, v. 23, n. 1, p. 19–31, 1991. (WOS:A1991EY31700002). Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0016-3287\(91\)90003-k](https://doi.org/10.1016/0016-3287(91)90003-k). Acesso em: 29 mar. 2026.

HUWS, U. Work in the new economy. Flexible Labor markets in Silicon Valley. *International Review of Social History*, v. 49, p. 528–530, 2004. (WOS:000225717000018). Disponível em: <https://doi.org/10.1017/s00208594061772>. Acesso em: 29 mar. 2026.

HUWS, U. iCapitalism and the Cybertariat Contradictions of the Digital Economy. *Monthly Review-an Independent Socialist Magazine*, v. 66, n. 8, p. 42–57, 2015. (WOS:000347266300007). Disponível em: https://doi.org/10.14452/mr-066-08-2015-01_7. Acesso em: 29 mar. 2026.

HUWS, U. the hassle of housework: Digitalisation and the commodification of domestic labour. *Feminist Review*, n. 123, p. 8–23, 2019. (WOS:000502139600002). Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0141778919879725>. Acesso em: 29 mar. 2026.

HUWS, U.; SPENCER, N. H.; SYRDAL, D. S. Online, on call: The spread of digitally organised just-in-time working and its implications for standard employment models. *New Technology Work and Employment*, v. 33, n. 2, p. 113–129, 2018. (WOS:000438217500002). Disponível em: <https://doi.org/10.1111/ntwe.12111>. Acesso em: 29 mar. 2026.

ITAM, U.; WARRIER, U. Future of work from everywhere: A systematic review. *International Journal of Manpower*, v. 45, n. 1, p. 12–48, 2024. (WOS:001100129400001). Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJM-06-2022-0288>. Acesso em: 29 mar. 2026.

JOHNSON, A.; DEY, S.; NGUYEN, H.; GROTH, M.; JOYCE, S.; TAN, L.; GLOZIER, N.; HARVEY, S. A review and agenda for examining how technology-driven changes at work will impact workplace mental health and employee well-being. *Australian Journal of Management*, v. 45, n. 3, p. 402–424, 2020. (WOS:000538269800001). Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0312896220922292>. Acesso em: 29 mar. 2026.

KRAUS, S.; FERRARIS, A.; BERTELLO, A. The future of work: How innovation and digitalization re-shape the workplace. *Journal of Innovation and Knowledge*, v. 8, n. 4, 2023. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jik.2023.100438>. Acesso em: 29 mar. 2026.

KUKREJA, P.; PANDEY, J.; VOGEL, B. Reviewing the romance of leadership literature: A trivializing, underdeveloped love affair? *European Management Journal*, 2025. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.emj.2025.04.010>. Acesso em: 29 mar. 2026.

KUMAR, A.; KRISHNAMOORTHY, B.; BHATTACHARYYA, S. S. Machine learning and artificial intelligence-induced technostress in organizations: A study on automation-augmentation paradox with socio-technical systems as coping mechanisms. *International Journal of Organizational Analysis*, v. 32, n. 4, p. 681–701, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJOA-01-2023-3581>. Acesso em: 29 mar. 2026.

LIPTÁK, K.; ERIKA, H. C.; MUSINSZKI, M. The Digital World and Atypical Work: Perceptions and Difficulties of Teleworking in Hungary and Romania. *Human Technology*, v. 19, n. 1, p. 5–22, 2023. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.14254/1795-6889.2023.19-1.2>. Acesso em: 29 mar. 2026.

MAHMOUD, A. B. Analysing the public's beliefs, emotions and sentiments towards Metaverse workplace: A big-data qualitative inquiry. *Acta Psychologica*, v. 250, 2024. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2024.104498>. Acesso em: 29 mar. 2026.

MAKARIUS, E. E.; MUKHERJEE, D.; FOX, J. D.; FOX, A. K. Rising with the machines: A sociotechnical framework for bringing artificial intelligence into the organization. *Journal of Business Research*, v. 120, p. 262–273, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.07.045>. Acesso em: 29 mar. 2026.

MARABELLI, M.; NEWELL, S.; AHUJA, M.; GALLIERS, B. Are immersive platforms the future of work? The role of generative AI and DEI considerations. *Journal of Strategic Information Systems*, v. 34, n. 4, 2025. (WOS:001614936300001). Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jsis.2025.101943>. Acesso em: 29 mar. 2026.

MCDUGALL, R. Reviewing Literature in Bioethics Research: Increasing Rigour in Non-Systematic Reviews. *Bioethics*, v. 29, n. 7, p. 523–528, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/bioe.12149>. Acesso em: 29 mar. 2026.

MCLEAY, F.; OSBURG, V.; YOGANATHAN, V.; PATTERSON, A. Replaced by a Robot: Service Implications in the Age of the Machine. *Journal of Service Research*, v. 24, n. 1, p. 104–121, 2021. (WOS:000544374000001). Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1094670520933354>. Acesso em: 29 mar. 2026.

OKOT, T.; VÍQUEZ, R.; JAÉN, E. The Future of Work in the Financial Service Industry Post-COVID-19: A Case of Costa Rica. *Journal of Rural and Community Development*, v. 17, n. 1, p. 1–16, 2022. (WOS:000791388600001).

OTHMAN, R.; PING, T. The Covid-19 Pandemic Response A Study of Teleworking During the Malaysian MCO What Penang Employees Had to Say. *Global Journal Al-Thaqafah*, p. 64–72, 2022. (WOS:000771655800002).

OTSUKA, Y.; IWASAKI, Y. Structural modeling of the personas of urban office workers and their demands for Japanese-style workcations. *Cities*, v. 167, 2025. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cities.2025.106342>. Acesso em: 29 mar. 2026.

PAÇO CUNHA, E. Base técnica e organização do trabalho na manufatura e grande indústria: Inflexão, desenvolvimento desigual e reciprocidades. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, v. 24, n. 2, p. 88–128, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36638/1981061X.2019.25.1.452/88-128>. Acesso em: 29 mar. 2026.

PEREIRA, L. R.; PANTOJA, M. J. Avaliação de desempenho dos servidores públicos em teletrabalho no Brasil: Um panorama sob os olhares de uma revisão da literatura. *Administração Pública e Gestão Social*, v. 17, n. 2, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.21118/apgs.v17i2.18651>. Acesso em: 29 mar. 2026.

PERLMAN, S.; BEN-SHELEG, E.; ELLEN, M. E. Making sense of conducting a critical interpretive synthesis: A scoping review. *Research Synthesis Methods*, v. 17, n. 1, p. 30–41, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/rsm.2025.10041>. Acesso em: 29 mar. 2026.

POPOVAC, R.; VUKMIROVIĆ, D.; COMIC, T.; PAVLOVIC, Z. G. Evaluating the Impact of Remote Work on Employee Health and Sustainable Lifestyles in the IT Sector. *Sustainability (Switzerland)*, v. 17, n.19, 2025. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su17198677>. Acesso em: 29 mar. 2026.

QIU, H.; LI, M.; BAI, B.; WANG, N.; LI, Y. The impact of AI-enabled service attributes on service hospitableness: The role of employee physical and psychological workload. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, v. 34, n. 4, p. 1374–1398, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/IJCHM-08-2021-0960>. Acesso em: 29 mar. 2026.

RAVŠELJ, D., KERŽIČ, D., TOMAŽEVIČ, N., UMEK, L., BREZOVAR, N., AIAHAD, N. A., ABDULLA, A. A., AKOPYAN, A., SEGURA, M. W. A., ALHUMAID, J., ALLAM, M. F., ALLÓ, M., ANDOH, R. P. K., ANDRONIC, O., ARTHUR, Y. D., AYDIN, F., BADRAN, A., BALBONTÍN-ALVARADO, R., BEN SAAD, H. B., ... NISHEVA, M. M. Higher education students' perceptions of ChatGPT: A global study of early reactions. *Plos One*, v. 20, n. 2, 2025. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0315011>. Acesso em: 29 mar. 2026.

RODRÍGUEZ, D. A. Multicomparative analysis of psychosocial risk instruments applied in telework mode pos-COVID-19 pandemic. *European Public and Social Innovation Review*, v. 9, 2024. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.31637/epsir-2024-1122>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SALAMONE, F.; BAROZZI, B.; BELLAZZI, A.; BELUSSI, L.; DANZA, L.; DEVITOFRANCESCO, A.; GHELLERE, M.; MERONI, I.; SCAMONI, F.; SCROSATI, C. Working from home in Italy during COVID-19 lockdown: A survey to assess the indoor environmental quality and productivity. *Buildings*, v. 11, n. 12, 2021. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/buildings11120660>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SILVA, D. C.; TESTON, S. F.; ZAWADZKI, P.; LIZOTE, S. A.; ORO, I. M. Autonomia, multitarefas e bem-estar: Percepções no teletrabalho. *Contextus—Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, v. 20, n. 1, p. 151–167, 2022. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.19094/contextus.2022.78275>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SILVA, D. M.; ARAÚJO, M. A. V.; FRANCISCO, I. C.; PINTO, E. F.; ALBUQUERQUE, C. R. Os Efeitos do Teletrabalho nas Organizações: Equilíbrio Entre a Vida

Pessoal e Profissional. *Gestão.Org—Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, v. 22, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/1679-1827.2024.262264>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SILVA JÚNIOR, M. J. C.; SOUSA, W. J. Gestão do teletrabalho na Administração Pública: Entre as racionalidades instrumentais e substantiva. *Revista Gestão & Conexões*, v. 14, n. 1, p. 103-103, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/regec.2317-5087.2025.14.1.45956.103.124>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SOMBRA, M. L.; OLIVEIRA, H. C. Desafios e possibilidades do teletrabalho para gestores de Recursos Humanos em tempos da pandemia da COVID-19. *Revista de Carreiras e Pessoas*, v. 15, n. 1, 2025. Disponível em: <https://www.spell.org.br/documentos/ver/79505/desafios-e-possibilidades-do-teletrabalho-para-gestores-de-recursos-humanos-em-tempos-da-pandemia-da-covid-19>. Acesso em: 29 mar. 2026.

TEHRANI, A. N.; RAY, S.; ROY, S. K.; GRUNER, R. L.; APPIO, F. P. Decoding AI readiness: An in-depth analysis of key dimensions in multinational corporations. *Technovation*, v. 131, p. 102948, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2023.102948>. Acesso em: 29 mar. 2026.

VIŠIĆ, M.; BALENOVIĆ, A.; MESARIĆ, J. Synthesising Research Findings - Methodological Guidelines for Conducting the Critical Interpretive Synthesis Method. *Teorija in Praksa*, p. 909–926, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51936/tip.61.4.909>. Acesso em: 29 mar. 2026.

VON KROGH, G.; ROBERSON, Q.; GRUBER, M. Recognizing and Utilizing Novel Research Opportunities with Artificial Intelligence. *Academy of Management Journal*, v. 66, n. 2, p. 367–373, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5465/amj.2023.4002>. Acesso em: 29 mar. 2026.

WANG, K.-H.; LU, W.-C. AI-induced job impact: Complementary or substitution? Empirical insights and sustainable technology considerations. *Sustainable Technology and Entrepreneurship*, v. 4, n. 1, 2025. Scopus. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.stae.2024.100085>. Acesso em: 29 mar. 2026.

ZHAO, H.; XIE, H. Workplace Intelligent Technology Use and Health of Older Remote Workers. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, v. 67, n. 7, p. 469–476. 2025a. (WOS:001524841500006). Disponível em: <https://doi.org/10.1097/JOM.0000000000003402>. Acesso em: 29 mar. 2026.

ZHAO, H.; XIE, H. Workplace Intelligent Technology Use and Health of Older Remote Workers. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, v. 67, n. 7, p. 469–476, 2025b. (WOS:001524841500006). Disponível em: <https://doi.org/10.1097/JOM.0000000000003402>. Acesso em: 29 mar. 2026.

APÊNDICE – Prompt Detalhado para Geração da Figura 1 via CHATGPT:

Crie uma representação visual acadêmica e profissional baseada no conceito de órbitas. No centro (eixo principal), coloque o título 'Regime de Augmentação' com os subitens 'Ampliação da capacidade' e 'Aumento da insegurança'. Ao redor desse centro, como planetas em órbitas, distribua quatro constructos: 1. 'Automação Intensificadora' (subitens: Aceleração de Fluxos, Ampliação de monitoramento, Opacidade dos sistemas); 2. 'Reconfiguração Cognitiva do Trabalho' (subitens: Função de supervisão, Função de Curadoria); 3. 'Dissociação entre Substituição' (subitens: Percebida, Efetiva); 4. 'Tecnoestresse Algorítmico'. O design deve



IX CONGRESSO
BRASILEIRO
DE ESTUDOS
ORGANIZACIONAIS

ser limpo, com cores sóbrias e fontes legíveis, adequado para um artigo científico sobre IA no teletrabalho.